

A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2017, conta com 23 247 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958

Agosto de 2021 - Nº 590

Diretores - Antonio Marcello da Silva (*-1931) - Pascoal Andreta (*1915 - + 1982) - Ugo Labegalini (*1931 - + 2012) - Ivan Mariano Silva (*1935 - +2020) - Alessandra Mariano (2020 -)

IVAN

Os ecologistas podem até dizer que não, mas os rios foram criados para enfeitar as cidades. Basta um desbravador encontrar o rio, edificar à sua margem uma cidade e, pronto, ei-la adornada ao modo de uma mulher. Aliás, os rios, como na língua francesa, e por causa de seus encantos que nos enlevam a todos, deveriam ser do gênero feminino, porque, sejam fios d’água, córregos, ribeirões ou águas caudalosas, são todos mulheres cativantes a gerar paixões inesperadas, como inesperadas são todas as paixões. Só mesmo os franceses, com seu lirismo inato, tratam rios e mares por “elas”, pois são “elas” que ornaram, desde a mais rústica vilazinha à mais vibrante metrópole.

Nossa Monte Sião – também mulher – sempre teve seu adorno na forma dos dois riachos que a cingem num abraço meigo e carinhoso, na intenção única de torná-la mais sedutora – se é que haja cabida para tanto. De um lado, o Ribeirão do Tanque, com indistigável ansiedade, desliza contornando o corpo da cidade para encontrar-se com o Córrego do Pelado que o aguarda com visível aflição. A junção é quase frenética, não

CRÔNICAS DA MINHA GENTE OS ADEREÇOS DAS CIDADES

fosse o decoro observado pelas águas, e o enlace nada mais é que o fecho do colar formado pelos dois rios que os prende ao pescoço da cidade, descansando em seu colo, escondendo com delicadeza a separação dos seios generosos que aleitam as gentes daqui. Assim acasalados, os dois riachos, como dois amantes, fundem-se em apenas um – o Rio das Pedras, as pedras do colar (explica-se para aclarar o discernimento dos leitores que ignoravam a existência da nossa joia).

Houve um tempo em que o colar era mais vistoso e resplandecente. Como sou mais íntimo do Ribeirão do Tanque, pois do portão do meu quintal podia sentir-lhe o aroma, posso asseverar que o corguinho era proprietário de curvas gracio-

sas, imitando a silhueta feminina, formava remansos, como a mulher a cismar, paradões onde se reuniam bagres sisudos e lambaris regateiras para assistir ao panapaná das borboletinhas amarelas. As borboletinhas aterrissavam no lodo da margem, abriam e fechavam as asas para verificar as molas, simulavam decolagem imediata, mas, na verdade, permaneciam em sussurros matreiros, aguardando parceiros, certas do atrativo das asas densamente coloridas e pintadas. Embora diminuto, o corguinho criou, com esforço próprio, meandros tão sinuosos que mais pareciam uma cobra em fuga. Em cada curva, visitava as capitivas, saudava uma loca que havia doado às barrancas, cumprimentava um chorão – sempre se lastimando, arcado

de dor fingida – esfregava as pedras do fundo para arredondá-las, apenas para mostrar capricho e, cantando os pneus, guiava violentamente à esquerda, atravessava a Rua Direta, entre o Fórum antigo e a loja do Pedro Turco, emparelhava-se com a Cachoeira do Lé e, saltitando de alegria, misturava-se ao Córrego do Pelado, rumo ao Eleutério através do das Pedras. Uma festa só.

Esse regato de que vos falo, além de fazer-se adereço da cidade, também cumpriu função de vereador, ao conferir à atual Rua Ernesto Gottardello o primitivo nome de Rua do Sapo, pois foi o regato que forneceu sapos ao logradouro, que deixavam o riacho à noite para jantar besouros e outros insetos atraídos pela luz esmaecida

dos nossos postes de madeira; manteve por anos e anos sua propriedade econômica, ao permitir a dona Cinirda lavar, em sua torrente límpida, toneladas de roupas, que ele próprio se incumbia de alvejá-las em sua transparência; adotou como riacho sério o civismo de que todos necessitamos, ao desfilar respeitosamente ao lado do Fórum e, depois de retificado, perdendo as curvas, singeleza e graciosidade, submeter-se à lei e à justiça, aceitando que novo Fórum fosse construído sobre ele, mesmo sabendo que, se a lei lhe foi aplicada, a justiça não lhe foi feita. Tanto é que a humanidade sempre deseja passar por cima da lei e da justiça, enquanto que ele passa por baixo, pois se sabe forte e, quem é forte, jamais é ferido, mesmo que

açoitado. É por isso que, de vez em quando, vinga-se através de uma enchente e outra, cuidando para não matar ninguém, já que é um rio civilizado. Trata-se apenas de suave retaliação, para demonstrar dignidade, livre arbítrio e, compreende-se, fugaz mágoa.

Na ânsia de retificá-lo para que fluísse mais célere, como se a vida ávida dependesse da pressa, amputaram-lhe toda a graciosidade, mutilaram seus meandros que encaracolavam a várzea; a lama, sem a comida dos poços, secou e as borboletas debandaram. Retilíneo, perdeu a ponte onde as pessoas pítavam e também a Rua Direita que garbosamente atravessava cintilante, servindo para os roceiros lavar os pés e subir calçados para a missa, rangendo as solas, abrasando os calos. Tudo em nome do avanço que, quase sempre, não passa de atraso.

Hoje, os dois riozinhos emanam miasmas e gases mefíticos (eta, nós!), isso é, fedem. Como dizia minha mãe, com mais propriedade e entendimento, fedem de céu em terra. Mas continuam o mesmo colar a enfeitar a cidade, enquanto a cidade preservar o colo tépido e os seios fartos.

Memórias de Paolo Pancioli

Em 22/12/1944, eu, papai, mamãe, Giuliana, Pina e Roberta partimos carregando o possível de vestimentas, enxoval e alimentos, evitando de sobrecarregar o papai ainda convalescente. Com o coração apertado, deixamos em Barga o Tio Enrico e a família do Giorgio.

Era uma manhã fria e enevoad, o que nos protegeu da artilharia que frequentemente castigava esses primeiros quilômetros. Passamos rapidamente em Punta all’Ania para despedir do Tio Renato, que com a família tinha se refugiado no moinho onde trabalhava.

Não podíamos utilizar as pontes precariamente restauradas pelos aliados, porque eram de seu uso exclusivo. Assim, para atravessar o Rio Serchio, tivemos que passar por algumas treliças de uma ponte ferroviária explodida, semi submersas no leito do rio, que estava na época da cheia. Para mim foi uma

experiência aterrorizante, porque além do medo da água, eu calçava tamancos improvisados e tinha dificuldade de equilibrar-me sobre as vigas semi submersas e escorregadias. Conseguimos ajudando um ao outro com a bagagem que tínhamos, mas não esquecerei jamais aqueles dramáticos momentos. Depois desse difícil desafio para todos, percorremos com relativa facilidade e sem grandes perigos os últimos 10 ou 12 quilômetros. Na “Ponte del Diavolo”, como combinado, encontramos o Tio Francesco. Não recorde o motivo, mas os soldados americanos haviam confiscado a sua camionete e ele estava a pé. Era uma situação imprevista e difícil de resolver. A mamãe lembrou que nessa cidade (Borgo a Mozzano), morava uma professora, sua colega, e sem alternativas resolveu pedir ajuda a ela. Tivemos uma acolhida maravilhosa de afeto e soli-

dariedade. Aos nossos alimentos, acrescentou os poucos que tinha e nos ofereceu quartos e camas com lençóis e um verdadeiro banho, que não tomávamos há três meses. Eu e a Roberta (minha irmã) lembramos ainda hoje da deliciosa sensação de uma verdadeira cama macia dos lençóis e um profundo silêncio, sem assobios e explosões. A amiga da mamãe foi tão gentil que quis que ficassemos uma segunda noite lá para podermos descansar e visitar Tio Nardino e Romano que estavam na prisão de Borgo a Mozzano. Havia esquecido de narrar que poucos dias antes da nossa saída de Barga, os dois haviam sido surpreendidos nas horas de “blackout” por uma patrulha americana e foram detidos. Costumavam ir jogar baralho e beber vinho com os amigos numa casa a uns 100 metros da nossa. Normalmente saíam sem problemas, mas naquela noite,

sem conseguirem se explicar em inglês, foram levados ao comando militar e de lá para a prisão na retaguarda para esclarecimentos. Nessa visita, todos nos emocionamos, mas eles estavam otimistas e esperavam ser libertados em breve. Nesse interim, Tio Francesco tinha ido para Montecatini, não sei por qual meio, prometendo que viria em nossa ajuda no caminho para Lucca. Na manhã seguinte, gratos e comovidos, nos despedimos da querida professora e retomamos a nossa marcha. Estávamos fora da zona de guerra e o único perigo estava além das margens da estrada que percorríamos. Existiam zonas cercadas com frequentes avisos de “Perigo Minas”, com uma caveira bem sig-

nificativa e pilhas de minas anti-pessoal e anti-carro na beira da estrada. Era um cenário cinematográfico quase irreal. Fora a precaução de nos mantermos na estrada, não encontramos nenhum obstáculo e pouco antes da cidade de Ponte a Moriano, cruzamos com uma coluna imensa de veículos militares com tropas indianas que subiam o Vale do Rio Serchio. Logo a seguir, uma motocicleta parou ao nosso lado. Era um amigo do Tio Francesco que vinha em nossa ajuda. Pegou o papai e o levou para Lucca na casa de uma amiga da Giuliana (Sandra), enquanto nós continuávamos nosso caminho. Em uma segunda viagem levou a mamãe e antes que pudesse voltar, também nós,

eu, Giuliana, Pina e Roberta chegamos na casa da Sandra. Era a tarde da véspera de Natal, 24 de dezembro de 1944. Fomos recebidos com carinho e afeto pela amiga da Giuliana e por sua mãe, que morando num pequeno apartamento puderam oferecer apenas uma pequena sala, onde sobre os tapetes, dormiu toda a família. Na manhã seguinte, dia de Natal, veio buscar-nos uma caruagem muito elegante, que depois de um percurso de 25 quilômetros com muitas estradas alagadas, nos deixou em Montecatini Terme, na casa do Tio Elio (outro irmão de papai). A odisseia chegava ao fim. Festejamos com todos, Vovô, Tios, Tias e primos o Natal e o término da “Nossa Guerra”!!!

Quando entrar setembro

JAIME GOTTARDELLO

Já podemos perceber que os dias começam a ficar mais longos, sentimos o cheiro de flores no ar e faz mais calor agora. A primavera começa a dar as caras. A estação que vai se tornando quente, também traz consigo muitas mudanças no ritmo do cotidiano, a vontade de cuidar mais do corpo esperando o verão, a necessidade de passar mais tempo ao ar livre. E o desejo de novidades não fica mais aprisionado entre quatro paredes.

Se olharmos para a mudança das estações, podemos tirar grandes lições: tudo se renova, não há frio intenso que não se transforme em calor de primavera seguido de mais calor de verão. Querendo ou não, a transformação virá. Como escreveu o poeta Pablo Neruda, “Podes cortar todas as flores mas não podes impedir a primavera de aparecer.” Como metáfora, a primavera repousa sob os cobertores de inverno, mas está pronta para se libertar com renovado vigor assim que o resto de frio se for.

A primavera tem todos os atributos de um poema perfeito: ritmo e contra ritmo, sonoridade, sentimentalismo, subjetividade, reviravolta contínua do tempo e do espaço. E revela um paradoxo em que um desejo intenso de viver dá vontade de já estar morto.

Sim, a primavera traz sensações de renascimento e esperança, o que torna possível sonhar colorido num campo de margaridas e borboletas. Mas talvez, para alguns, ela seja apenas uma metáfora.

Acesse também nosso jornal na internet:

www.fundacaopascoalandreta.com.br

O MORRO PELADO (E SUAS CAVERNAS)

TONINHO GUIRELI

Antes de iniciar o texto, já vou dizer que sempre achei que alguém (investidor) de Monte Sião e/ou de Águas de Lindóia, deveria juntar uma “turminha” e fazer alguma coisa para promover o nosso Morro Pelado, em termos turísticos. Não só promovendo melhoramentos lá, como abrir alguns bonitos lagos, bebedouros com água totalmente potável, parques, plantio de árvores, talvez um pequeno e aconchegante hotel, plantio de flores, entradas para circulação de veículos, etc., e algumas quadras de esportes. Claro que o Prefeito, teria que reunir alguns engenheiros, mais secretários, e aí promover uma bela visita ao local, verificando o que de bom já existe e observando o que deve ser necessário no momento. Penso que o local é excelente e que outras obras o melhorariam muito mais. A parte turística pode-

ria ser bem desenvolvida e penso que o povo local e os visitantes, iriam sim gostar desse novo local para efeito turístico, por que não?

Também acho que o Jornal de Monte Sião (JMS) é um benefício à cidade, pois o povo gosta do Jornal e de seu conteúdo. O valor mensal disposto para a edição do Jornal, não é tanto assim, que mostre algum débito que possa provocar problemas nas contas públicas. E tenho certeza de que muita gente da cidade, deveria sim escrever mensalmente seus textos, e fazer parte desse pessoal que já colabora mensalmente. E serão bem-vindos!

Até por saber que você, José Airton, como eu, gosta muito de Monte Sião, e sempre dedicou grande parte de seu tempo para a edição do Jornal Monte Sião, e para diversas outras atividades ligadas à essa nossa querida cidade, ve-

nho insistir, mais uma vez, nesse propósito que não é só meu, mas também seu, do Claudinho Faraco, do Celso Grossi, e acho que do Armandinho Zucato, do Bernardo, do Jaime, do Carlão da Eponina, da Alessandra, do Ismael Rieli, etc., que devemos insistir para que as outras cidades (Monte Sião e Águas de Lindóia), passem a enaltecer a beleza do Morro Pelado, antes que ele, por si só, acabe se mostrando ao povo seus 1.400 metros de altitude, e guarde assim sem dó os elogios. E o Celso Grossi e eu, certa vez conversamos sobre a necessidade ou não da preservação do Morro Pelado;

A paisagem do Morro Pelado é deslumbrante, a natureza oferece sua beleza e convida os visitantes a ficarem juntos às montanhas, ou em confortáveis chalés, sempre curtindo a beleza e a magia desse lindo local; e pode também curtir a comida mineira, servida no fogão

a lenha, tendo ainda lanchonete, pratos típicos, mais o “café da vovó”;

Alguns poucos visitantes que chegaram à caverna, disseram que ela é oca. E a curiosidade de cientistas da NASA e outras entidades mundiais, também acreditaram nessa possibilidade. O nosso Lind Gottardello está finalizando seus estudos nesse sentido, e pode até ser o primeiro a descobrir os mistérios dessa nossa caverna no Morro Pelado. Daí pra frente, com os cálculos devidamente finalizados, mais as fotos e os detalhes pertinentes, certamente iremos conhecer o interior da caverna e aí poderemos mostrar ao mundo os objetos, equipamentos, máquinas e demais aparelhos que irão empolgar as pessoas até então curiosas sobre a nossa famosa “Caverna do Morro Pelado”;

Falei novamente com o Celso Grossi sobre essa “misteriosa” caverna, mas

eu percebi que ele não se entusiasmou muito não, na conversa anterior. Outros, como o Waldemar Gottardello, o Lind, o próprio Zé Airton, o Raimundinho e outros, até pensaram em reunir uma Comissão para preservação dessa obra da natureza, que pode, muito bem, vir a proporcionar maiores comentários e trazer um entendimento melhor, agora ou um pouco mais à frente. E aí o nosso Prefeito poderá editar um Decreto Municipal que venha a ser pertinente à questão e aos nossos anseios. Isso evitará devastação à essa verdadeira dádiva da natureza, que servirá até de referência à nossa cidade. Já dissemos que a paisagem vista lá do Morro é deslumbrante e que todo o local é bem bonito. E já dissemos também que o amigo Ismael Rieli, sogro do grande Chico Pinheiro, da TV Globo, já montou seu Recanto dos Nefelibatas, pois ele não é

bobo nem nada, claro. Esse Recanto fica do lado de Águas de Lindóia e próximo do Morro. E é um lugar muito gostoso de estar, e lá ele serve uma cerveja excelente, lanches de primeira, E aí o Ismael montou uma bela infraestrutura, voltada ao turismo e dentro da legislação, e agora já começou “a cair dólares de todo lado”.

Vamos pensar nisso, minha gente! Vamos nos reunir, e assim promover os melhoramentos necessários para melhorar ainda mais “essa obra da natureza”. Tanto o pessoal de Monte Sião, como o de Águas de Lindóia, com certeza, ambos ficarão satisfeitos com as melhorias. E o que puder ser feito em termos de boas e necessárias modificações à esse maravilhoso local, somente trará benefícios visuais

JOSÉ ALAERCIO ZAMUNER

A Família Rossini veio do lá da Guardinha, comunidade de italianos, e se instalou nos Francos Cantare, com os filhos. O Pai era o senhor Daniel, a mãe, dona Maria.

Como tudo era de experimento e princípio, todos da casa traziam a indicação da paternidade com o nome do pai Daniel ou D’Anhé. Assim, todos da família tinha como sobrenome D’Anhé (isso é, fulano filho do Daniel, ou do D’Anhé). Então, tinha o Quim, era o Quim D’Anhé, e assim por diante. Hoje, esta fábula apareceu para falar do Zé D’Anhé. Diferente dos filhos, o Zé D’Anhé, mais velho, era muito habilidoso na construção de casas, moinhos, com moendas de enormes pedras para fazer o fubá, tinha uma ferraria com um fole de incendiar fomalha e derreter o ferro, além de outros inventos menores.

O bairro se formava bem

nesse instante primitivo. Cada morador com suas lições. Dona Nega Rezadeira ensinava a Reza do Credo. Escrevia no papel e pendurava na parede. Depois dizia: “O Credo serve para espantar o mal e salvar o cristão.” Dona Nicola ensinava as meninas, tinha um menino pelo meio, a fazer tricô, crochê; e costurar: o menino pelo meio das meninas. “Serve para fazer roupa pra família.”

Zé D’Anhé ensinava a lidar com as ferramentas e fazer móveis pra casa. Fazia uma cadeira, explicando cada passo pros meninos e dizia: essa é uma cadeira, serve para se sentar e descansar. Fazia uma mesa e escrevia: “Serve para pôr a comida sobre ela, depois puxar a cadeira, sentar-se e comer, nas graças de Deus. Deve fazer o Em Nome do Pai!”

Na sequência dos eventos, um dia, Zé D’Anhé fez um relógio de madeira. Bem construído, com ponteiros, campainha, vidro no

visor para ver os ponteiros e a hora marcada, dava pra ver a engrenagem do relógio por trás. Uma maravilha. E ensinou que era pra registrar minutos e a hora que a gente gasta pra fazer as coisas. Explicou tudo direitinho. Levava o relógio na venda e ensinava: “Olha, gente, quer ver?, já estou na venda há 20 minutos; conversando.” Daí, deixou o relógio na venda e escreveu: Serve para marcar o tempo da gente na venda. E o aparelho ficou lá dizendo tic tac, tic tac: veja seu tempo passar! Era novidade, mas atrapalhava, porque a todo momento alguém tinha de ir embora, por saber exatamente o tempo gasto com conversa fiada, sem valor. Antes ninguém sabia disso! Quando uma mulher ia buscar seu marido na venda, já vinha falando na lata: “Gastou meia hora com conversa fiada.” As mulheres, sabendo das horas gastas pelos homens no bar, bem gravadas no relógio, rogaram uma praga, praga àqueles homens que ficavam na

venda bebendo e gastando a hora marcada no relógio, que agora todos bem sabem o que fazem e o tanto de tempo de uma hora.

Um dia, numa bebedeira, Zé D’Anhé, já além do meio dia, boas horas gastas em balcão de bar, apostou que iria no topo daquele pasto, beira mata, divisa com a Dona Valeriana, e enfrentaria o capeta que vivia por lá e todos sabiam disso. Porque agora tenho a hora e sei que agora não é hora de capeta andando por aí. Vou desabuser o tar! E foi o que fez. Foi. Desceu, atravessou um corguinho, fundos da casa do Zé Carinta, subiu o pasto do Nini (coisa de vinte minutos) e... (Logo voltou vermelho em brasa e disse o que disse ao povo o que viu ao chegar lá...) ...lá no jacarandá, que dá pra ver daqui, dessa venda, tinha uma forca dependurada num galho mais baixo, pronto para enfiar o laço no pescoço: laço em força! E mais, anímais em volta, olham que olham, pata raspa raspa o chão com o casco e bufam,

a passarinha esvoaçava as árvores e com falas estranhas, que nem entendia. Coisa encantatória mesmo. O Bem Te Vi não dizia bem te vi. O dia travado num ar paralítico de seco, com fole soprando forno pro cheiro sulfúrico do enxofre subir da boca do demo; da orelha do demo espalhada no chão... CrenDeusPai!! Daí que peguei na Reza do Credo, bem mesmo como ensina a Dona Nega Rezadeira: “Creio em Deus-Pai...”

A reza acabou... Imediatamente, novamente ouriço no ar e mais falatório esbaforido de sua

boca meio torta, bafo de um Fernet azougue nos olhos. Rostos todos esbugalhados, suspensos no ar... Juro, não foi uma visão!

Mas, escute só, o relógio quieto, sem marcar nada dessas loucas horas de um dia na formação de Cantare, barra do Morro Pelado. Juro, o relógio não marcou, mas não foi visão.

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 -)

Conselho Administrativo – Bernardo de Oliveira Bernardi, Diogo Labegalini de Castro, José Cláudio Faraco e Alessandra Mariano Silva Martins.

Diagramação – Luis Tucci - MTb 18938/MG

Fotografia – José Cláudio Faraco

Direção financeira – Charles Cétolo

Secretário de Redação – Carlos Alberto Martins

Jornalista responsável – Simone Travaglin Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Alessandra Mariano, Arlindo Bellini, Aroldo Comune, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Eraldo Monteiro, Ismael Rielli, Ivan Mariano Silva, Jaime Gotardello, José Alaércio Zamuner, José Antonio Andreta, José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Luis Augusto Tucci, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Rodrigo Zucato, Tais Godoi Faraco, Zeza Amaral.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 20 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br

105

AUTO PEÇAS

vivo

9 9852 5105

3465 3105 - 3465 5105

MAZA

PNEUS

ALINHAMENTO E BALANCEAMENTO DE RODAS, ESCAPAMENTOS, AMORTECEDORES, BATERIAS

RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38 (ANTIGO MATADOURO) 3465-5463

MECÂNICA

NETOS

nacionais e importados

Ernesto A. G. Bacellar

Engº Mecânico Automobilístico

Fone:

(35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136

- Centro (Prainha)

Monte Sião - MG

CEP 37580-000

DELTA FOTO

G

PAPELARIA

Mania de vender mais barato!!!

Material Escolar e para Escritório

Suplementos para Informática

Cartuchos compatíveis e remanufaturados

Fotos 3 X 4 na hora

A MELHOR E MAIS BARATA

REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS

35 3465-3124

Av. das Fontes, 136-C-Monte Sião

Supermercado e Casa de Carnes

Oliveira

A melhor carne da região!

Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000

(35) 3465 1817 / 3465 2109

SUPERMERCADO SHIMODA

Onde seu dinheiro compra mais

Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300

Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175

Monte Sião - Minas Gerais

AGULHAS E ACESSÓRIOS PARA RETILÍNEAS

Representante Autorizada da marca KERN-LIEBERS

DERBY

Textil

Av. Monte Sião, 925

Bela Vista

Águas de Lindoia/SP

(19) 3824.2499

(35) 99138.0307

Trabalhamos com remalhadeiras “Completo” novas e usadas

- Agulhas e platinas para retílineas

- Agulhas e ponteiras para remalhadeiras

- Bobinas e seletrores

- Óleo lubrificante

- Klimp para limpeza interna

DROGARIAS

ULTRA

POPULAR

Rua Presidente Tancredo Neves, 373 - Centro

(em frente ao Itai)

(35) 3465-1120 / 3465-5633

Monte Sião/MG

Rua Argentina, 19 - Centro

(no Baixo)

(19) 3924-1196

Águas de Lindoia/SP

dynamise

Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais

(35) 3465 2060

(35) 98815 2060

Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG

dynamisemanipulacao

Dynamise Farmácia de Manipulação

www.dynamisemanipulacao.com.br

Programe sua festa - nós temos o local!

RESTAURANTE

DA LICINHA

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.Sião - O.Fino -(35)3465 1355 – 9 9114 9447

MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS Nº 34

ISMAEL RIELLI

Não me chame de senhor
Que não sou tão velho assim,
E a teu lado, meu amor,
Não sou senhor...nem de min!

Trocando as bolas
São comuns algumas trocas
de lugar de letras em certas pa-
lavras:

Cardeneta por caderneta
Largato por lagarto
Estrupo por estupro
Cardaço por cadaço

Continua um bom progra-
ma nas terças, quartas e quintas
acompanhar a CPI da Covid.

Além de Omar, Renan, Ran-
dolfê e Simone destacam-se os
dois senadores de Sergipe Rogé-
rio Carvalho do PT e Alessandro
Vieira do Cidadania, este último
delegado, o melhor inquiridor
com perguntas precisas, incisi-
vas, curtas e certeiras.

Patusco, o recalcitrante cloro-
quinista juramentado Heinze, do
Rio Grande do Sul

Em seu depoimento Airtton
Cascavel disse: só no dia 26
Pazuelo RETIFICOU o convite
para eu assumir a assessoria polí-
tica do Ministério da Saúde.

Não, Cascavel: o desastro-
so Pazuelo não retificou; ele
RATIFICOU o convite, isto é,
confirmou. Nossa língua é meio
manhosa, troca-se o a pelo e, mu-
da-se totalmente o significado da
palavra retificar – consertar (reti-
fica de motor fundido) ratificar –
confirmar. São muitas as palavras
que nos confundem: conserto-
concerto, iminente – eminente;
infligir-infrigir; cumprimento-
cumprimento; caçar-cassar.

É bom não confundir tam-
bém capitão de fragata com ca-
fetão de gravata; germano com
gênero humano.

Logo, logo, daqui a um ano
vai fazer duzentos anos que D.
Pedro I deu um grito perto do
“corgo” do Ipiranga.

Quem ouviu aquele grito
além dos sapos e rãs que por ali
coaxavam?

O garanhão D. Pedro vinha
com seus batedores (de cavalos,
não de moto) para mais um en-
contro amoroso com Domitila
quando um emissário lhe entrega
uma carta ameaçadora, vinda de
Portugal.

Ameaçadora? Afinal o pai
dele já não o prevenira : “cuide
da coroa antes que algum aven-
tureiro lance mão dela”?

Rio - São Paulo até hoje de
ônibus, de carro é uma viagem
cansativa, imagina esse percurso
no lombo de uma cavalo!

E o priápico ginete empreen-
dia, com certa frequência, essa
viagem para se encontrar com a
Marquesa de Santos.

Bole com a gente ouvir o
Hino Nacional, assim como a
Marselhesa desperta o brio dos
Franceses. Mas é preciso reco-
nhecer que é bem empolado o
linguajar do nosso Hino.

Logo de saída um violento
hipérbato (transposição ou in-
versão da ordem natural das pa-
lavras).

Ouviram do Ipiranga as mar-
gens plácidas
Um grito heroico, um brado
retumbante

Qual o sujeito? As margens
plácidas do Ipiranga que ouvi-
ram um grito heroico, um brado
retumbante.

Os mais exigentes, os mais
cricris encontram um cacófa-
to (som desagradável, palavra
obscena resultante da união das
letras finais de uma palavra com
as iniciais da seguinte) no nosso
Hino.

Heroico brado – herói mau
pagador. Biblioteca dela – cade-
la.

Alma minha gentil que te
partiste. Maminha.
O que abunda não prejudica.

Visitei, pras bandas do Cara-
piá um sítio onde abunda a pita.

Tenho um amigo, um famo-
so editor, que enviou inúmeras
cartas para deputados federais
pedindo pra mudar aquele trecho
do nosso Hino, que, segundo ele,
dá impressão de indolência, pre-
guiça perene.

Deitado eternamente em ber-
ços esplêndidos.

No dia dos pais completou-
se um ano sem o mestre Ivan. A
saudades ainda dói. Dói muito.

Eta cabra bom. Eta cabra in-
teligente, humano, versátil, en-
graçado, sensível.

Por muitas e muitas edições
teremos, a enriquecer nossa pri-
meira página, uma de suas inú-
meras saborosas crônicas.

Quanta criatividade! Aborda-
va temas aparentemente inóquos

e sua pena transformava-os em
preciosas crônicas, como a difi-
culdade que têm os homens para
arrumar a cama, para estender
lençóis e colchas. Eu também
não sei desincubrir essa tarefa
feminina.

Não há nenhuma incompati-
bilidade em um engenheiro gos-
tar de história, de literatura.

Perdemos dois engenheiros
literatos nesses últimos meses:
Zé Paulo de Águas e o nosso
colaborador autor de excelentes
textos históricos, Zé Antônio fi-
lho do autodidata eclético Pas-
coal, duas grandes perdas.

É difícil de acreditar que pas-
sou pela cabeça do capitão refor-
mado, o Átila brasileiro, um voo
rasante de caças supersônicas
Grispan sobre a Praça dos Três
Poderes para estilhaçar os vidros
do STF.

Pode ser verdade porque o
genocida foi convidado a deixar
o exército porque planejava ex-
plodir a adutora do Guandu para
deixar os cariocas sem água.

Geisel disse com todas as
letras : “esse capitão é um mau
militar”.

O perigo é que o comandante
da Aeronáutica, o Baptista é um
bolsonarista fanático.

Doutor Olinto, advogado
discreto e bem casado, viu um
bilhetinho no para-brisa do seu
carro:

“meu nome é Joana Moraes
e Silva, 444-1322. Telefone-me
e marcaremos um encontro para
conversarmos”.

O advogado rasgou o bilhete,
jogou-o fora e foi feliz pra casa.
No dia seguinte, viu que todo o
lado direito de seu carro estava
amassado.

Palavras Japonesas
Sushi
Sashimi
Temaki
Hashi
Biombo (separação de pano
ou de papel que serve de separa-
ção dentro de uma sala)
Bonzo (sacerdote budista)
Caratê (esporte que serve das
mãos como arma de ataque)
Catana (espada japonesa)
Gueixa (jovem educada para
entreter pessoas da sociedade)
Haraquiri (suicídio por meio
da abertura do ventre por golpe
de espada ou punhal)
Jirinixá (pequeno carro
puxado por um homem)
Jiu-jitsu (sistema de luta de-
fensiva)
Quimono (espécie de robe-

de-chambre para usar em casa)
Micado (governo civil do ja-
pã)
Mussumé (senhorita, meni-
na, jovem)
Samurai (senhor feudal, no-
bre, governador)
Xintoísmo (sistema religioso
derivado do budismo)
Xogum (o poder militar do
japão)
Yen (nome da moeda japo-
nesa)
Arigatô.
Sushi
Sashimi
Temaki
Hashi
Mais recentemente, com a in-
vasão da gastronomia Japonesa
muitas novas palavras se incor-
poraram ao nosso português.

Naufrágio em Paradoxos

WEIDNER EMMERICK

Que nau frágil é o ser humano
Navegando num mar artificial,
A bússola avariada apontando para um norte virtual,
Sua confiança depositada num GPS programado por sua vaidade
narcisista-individualista,
Esquecido das velhas cartas náuticas do melhor que havia na alma
humana...

Precisou da bruma invisível,
Da tormenta calma de um isolamento forçado,
E só com uma overdose de si mesmo, acordou
E viu que já era naufrago antes,

Que enquanto pensava estar singrando o mar de suas redes sociais,
Na verdade postava suas garrafas com pedidos de socorro,
Em memes vídeos fotos que ninguém jamais viu ou verá
Porque cada um naufragou em si mesmo,

Se fez ilha, se fez cego um para o outro
Porque enxergar dói, e a dor foi proibida.
Mas quem sabe agora quando tudo sucumbiu à catástrofe
salvadora
Ele possa perceber que pode ajudar outros náufragos ao invés
de só chamar atenção para si, à espera do socorro.

E ao dar a mão à outra ilha mais próxima, seu próximo,
Nessas pontes de afeto pode salvar a si mesmo desse naufrágio em
que somos nau frágil, ilha e um mar de paradoxos.

Pontas soltas no novelo do tempo

TADEU RODRIGUES

há que se aceitar os diá-
logos soltos pelos caminhos.
as pontas soltas no novelo do
tempo, antes de procurar evi-
dências do amor.

um prefácio insano das
poéticas convencidas daque-
las musas sem rostos; e estão
todas elas nas árvores que
correm perto dos olhos cola-
dos ao vidro do carro.

chamam de desvario o que
tenciono entre a dor de cabeça
e a ilusão.

não se bebe o suor acre do

cansaço sem valia. e me depa-
ro com o céu e com a saudade;
o tempo que fui e o tempo que
me resta; a vírgula e o sujei-
to oposto, oculto, exposto, de
dentro, que pulsa coração.

estamos nas entranhas dos
estranhos, dos corpos que
nos encostam, das relvas que
amedrontam quando madru-
gadas sem lua e pacificam
luzes quando deixam o sol se
abrir.

o horizonte é lento, revivi-
do em conversa, ensina sem
pedagogia. o precipício do
som é o vazio. o precipício da
poesia é a razão. e o do hoje é
a incerteza do amanhã.

O mercador de múmias

MATHEUS ZUCATO

O mercador jazia sentado
no chão quente, encostado
ao muro de barro, à espe-
ra de um empregado que
viesses comprar uma de suas
peças. A conquista do Egi-
to por Napoleão Bonaparte,
em 1798, abrira as portas
da história do país aos euro-
peus. Na França, fez-se há-
bito entre os ricos a compra
de múmias com o intuito de
serem utilizadas como atra-
ção principal em eventos da
elite social. Naquela véspe-
ra de virada de século, dois
anos após a conquista, já se
havia criado um mercado em
cima do produto, e as festas
de desempacotamento de
múmias — nas quais nobres
convidados aplaudiam avi-
damente, a urrar de euforia
perante o espetáculo prin-
cipal – eram febre entre os
pomposos franceses.

Sentado a dormir, o ho-
mem lembrava-se de como,
há dois anos, praticamente
viu seu negócio duplicar,
depois triplicar, até contratar
cinco ou seis viajantes que
fossem aos mais recônditos
cantos do antiquíssimo país
em busca de múmias que
despertassem de seu sono
milenar para servirem de
vitrine no Velho Continente.
Ah, como eram bons aqueles
tempos em que faturou enor-
mes quantias e esbanjou,
pela primeira vez na vida,
a vida de rico — ao menos
ali, em seu país. Quase pe-
gando no sono, via como o
negócio, triplicado, passou

depois a ruir, pois já não havia
múmias para toda a demanda,
e sem o produto o dinheiro não
vinha. Que pôde fazer; elevou-
se o preço, e aí a classe nobre
passou a comprar suas múmias
em partes: uns levavam cabe-
ças, outros os membros e ou-
tros levavam o que sobrasse de
mais barato. Animais mumi-
ficados também fizeram parte
do negócio até também se tor-
narem escassos e inviáveis.

Lembrou também que, de-
vido à escassez, criou-se uma
espécie de mercado negro do
produto-múmia, e então pa-
gava altos valores a toda sor-
te de fornecedores de múmias
artificiais, ou falsas, se assim
se podia classificá-las, pois
aqueles espécimes que dispo-
nibilizavam eram corpos – de
mendigos, de condenados à
morte, idosos, animais, crian-
ças e até natimortos – subme-
tidos ao processo de “mumi-
ficação-sob-demanda”, que
logo descobrira que consistia
em enterrar tais corpos cheios
de betume na areia do deserto
e depois expô-los ao sol para
ressecar os corpos e os invóluc-
ros de linho. Sim, como eram
bons aqueles tempos da fartura
e do dinheiro vindo às custas,
literalmente, do outro. Agora,
até os corpos de mendigos,
idosos e crianças passaram a
rarear-se.

Deitado sob o sol escaldan-
te, o mercador empobrecido e
ocioso alarmou-se quando se
fez sombra sobre si. Abriu os
olhos e viu um bem-vestido
europeu acompanhado de um
bem-pago intérprete juvenil.
Foi perguntado se possuía mú-
mias, uma vez que já não se
encontrava em lugar algum. O

menino traduziu a resposta do
mercador que sorria como se
houvesse encontrado um ho-
mem feito inteiro de ouro. Dis-
se ao empregado branco que
tinha ainda algumas partes,
como braço, fêmur e alguns
dedos de mãos e de pés, além
de um último pássaro mumifi-
cado. O homem quis saber se
eram reais, e o mercador ga-
rantiu que sim. No entanto, o
rapaz europeu disse que preci-
sava voltar para a França com
um corpo inteiro de múmia
humana. Que estava disposto
a pagar muito bem. Abriu uma
bolsa de couro e mostrou moe-
das douradas brilhantes.

O mercador, rendido, atô-
nito, sem saber de onde tirar
uma múmia por aquela fortu-
na, corou e agarrou o jovem
pelo pescoço e o ordenou que
traduzisse ao europeu que não
havia mais múmias legítimas
em todo o Egito e que os cor-
pos dos mortos recentes tam-
bém estavam em escassez, e
disse que pela metade da fortu-
na, e por seu silêncio, mataria
aquele jovem intérprete e fa-
bricaria uma múmia para ven-
der-lhe, pois que era mais fácil
naqueles tempos arrumar ou-
tro intérprete a outro cadáver.
O jovem bem-pago viu em seu
rostro a ganância cega de quem
enganaria um peixe que este
pudesse voar, se o peixe antes
pagasse algumas moedas pelo
serviço, e disse em francês ao
outro que aquele homem iria
enganá-lo. O jovem intérpre-
te, auxiliado pelo francês, foi
solto. Deram meia volta e se
puseram a caminho de outro
mercador com quem talvez ti-
vessem mais sorte.

O homem egípcio, ator-

doado, mergulhado nas me-
mórias do luxo de tempos
de outrora, com lágrimas
brilhantes a escorrerem no
rostro muito queimado de sol,
com salivas muito douradas
a prepararem o paladar para
as delícias que toda aquela
fortuna proporcionar-lhe-ia,
correu até os dois rapazes
que já iam longe, gritando
“esperem, esperem, trarei
uma múmia até vocês!”, e
o francês, com um sorriso
esperançoso, pediu ao jo-
vem que perguntasse como
o mercador arranjaria uma
múmia, ao que o mercador
disse que tinha ainda uma
última múmia guardada,
mas que era muito sua, que
queria guardá-la até o resto
de seus dias, mas que por
toda aquela quantia, trataria
de se desfazer dela. Pediu
apenas que o mercador vol-
tasse depois de alguns dias, e
que trouxesse todo o dinhei-
ro. Pediu ainda que o jovem
intérprete o auxiliasse nesses
dias, até que fosse chamar o
francês no local em que se
hospedara. Entraram em
acordo.

Depois de dias de muito
sol, o francês foi trazido até
o local onde fechou negócio
com o mercador egípcio, e o
garoto mostrou uma múmia
enrolada em linhos que se
desfaziam conforme o vento
batia. Era muito verossímil,
aquele modelo! O empre-
gado francês, feliz, entregou a
pequena bolsa de moedas ao
garoto, que prometeu entre-
gar o valor devido ao mer-
cadador, que não apareceu por
ali.



Venda e instalação de Alarmes Monitorados e convencionais
CFTV - Cerca Elétrica
Locação de equipamentos

Monitoramento Via Rádio, Internet e Linha Telefônica.
Solicite um Orçamento sem compromisso!

Av. Monte Sião, 3333 - Loja 20 - Shopping Uniminas
Águas de Lindóia - SP - www.catinisegurancaeletronica.com.br

DIÁRIO DE HENRI COLBERT

A autobiografia perdida do último de seu nome - Parte 2

Em uma fátidica manhã, o rei Luís XVI, observando todas as insatisfações populares, decidiu convocar a Assembleia dos Estados Gerais. Ele imaginava, erroneamente, que talvez isso ajudasse a diminuir as tensões populares. Infelizmente, essa decisão acarretou na maior crise política já observada na França, ou ainda mais, arrisco-me a dizer a maior do mundo! Com o sobrenome que carrego do meu avô fui convocado para representar o Segundo Estado. No Primeiro, estavam vários clérigos muitíssimo poderosos que conseguem controlar a vida espiritual e rotineira dos camponeses. No Segundo, estávamos eu e vários outros nobres ligados quase que de modo consanguíneo à Versalhes. No Terceiro, um bando de burgueses, camponeses e artesãos revoltados. Em primeira análise, você, caro leitor, por mais que talvez apoie esses revolucionários, não pode negar que as forças estavam ao meu lado. Porém, depois de algumas deliberações, o povinho ficou ainda mais insatisfeito, pois achavam injusto o sistema de votação, no qual cada Estado tinha um voto. Acusaram-nos de fazermos uma coalizão entre primeiro e segundo Estados para barrar qualquer projeto que viesse do terceiro. Grande mentira! Foram apenas coincidências. De toda forma, queriam votos proporcionais ao número de integrantes de cada camada social. Isso me levou a refletir: eles precisam inventar motivos para se enraivecer. O rei já tinha feito a boa ação de convocar esse conselho - se fosse eu, não convocaria - e mesmo assim,

revoltam-se. Depois de muita reclamação, fizeram um tempo depois um juramento na sala de péla, afirmando que não sairiam de Versalhes enquanto não houvesse justiça. Aí que minha esperteza me ajudou. Embora discordasse completamente deles, percebi que estavam muito bem organizados. Desse modo, ao invés de combatê-los, juntei-me a eles.

Foi certamente a decisão mais difícil da minha vida, mas igualmente a mais certa. Difícil, porque tive que abdicar de muitas coisas para participar do movimento, principalmente as terras do meu avô que foram divididas entre alguns camponeses. Certa, porque me protegeu do momento mais aterrozante dessa revolução, no qual Robespierre tornou-se um tirano e guilhotinou todos que viu pela frente, inclusive seus próprios amigos. Analisando agora, perguntou-me: será que isso não era um sinal para eu me desvincular do sádico jacobino? Há uma dupla resposta válida: sim, para que eu não viesse parar nessa prisão e não, pois se tivesse feito isso poderia morrer antes por traição. Ou não? Se tivesse rompido um dia antes da deposição de Robespierre, talvez estivesse na prisão ainda e fosse libertado pelos girondinos. Mas como iria adivinhar? Para mim, ele iria esmagar aquela rebelião. Eu até sabia, pela minha excelente observação social, que ninguém estava satisfeito, mas não a ponto de amarem uma invasão armada efetiva que tirasse os jacobinos do poder. Pois é, leitores, como disse inicialmente, o motivo do meu fátidico destino foi não

acreditar na virada favorável aos girondinos.

Porém, adiantei-me demais na história. Permita-me contar alguns momentos desse intervalo de tempo que permaneci vivo ao lado da ala mais radical dos rebeldes. Permite? Sim? Obrigado! Continue, pois, essa leitura.

Resumidamente, um tempo depois do Juramento do Jogo da Péla, o Terceiro Estado, revoltado por motivos que já citei, decidiu se desvincular da Assembleia dos Estados Gerais. Formaram então a Assembleia Constituinte, com o intuito de formar uma legislação própria. De início, o rei aceitou essa afrontosa situação, mas depois da pressão de alguns nobres e clérigos, ele ordenou o fechamento desta assembleia. Como imaginei antes mesmo de acontecer, o povo se revoltou, porque é só isso que sabem fazer. Aparentemente, trabalhar que é verdadeiramente bom e justo, desaprenderam. Mas voltando à revolta: em Paris, a plebe, antes fraca e vulgar, se uniu para defender a manutenção da Assembleia Constituinte e até mesmo conquistaram a Bastilha como forma de demonstrar a suposta insatisfação. Mais do que nunca, minha análise política despertou e mostrou-me que o caminho a ser seguido era manter-me vivo, mas longe das nobres mordomias. Muitos me julgaram por essa decisão, mas morreram antes de mim. Portanto, estamos quites. Nesse sentido, em uma das assembleias, conversei com Danton e me infiltrei. Nem sabia quem ele era, muito menos se era jacobino ou girondino (embora

haja uma diferença teórica, até hoje não sei a diferença prática desses grupos, formam o mesmo tipinho ruim de gente). O motivo de eu conversar com ele é muito simples: foi quem estava na porta. De início, creio que Robespierre, muito influenciado por Saint Just, não queria me ver por lá. Mas, logo tanto a direita como a esquerda perceberam que era melhor um nobre lhes apoiando, do que mais um contra eles. Menos, é claro, o maldito do Saint Just, nunca nos simpatizamos mutuamente. Enfim, na assembleia, muita coisa foi discutida e eu tinha que aplaudir umas ideias toscas como a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão e a República, por exemplo. Conforme os anos foram se passando, percebi como estava o jogo político e entendi que era hora de entrar ao lado dos jacobinos.

Acertei! Robespierre foi eleito pela Assembleia Legislativa para ser o novo chefe de governo. É nesses momentos que eu agradeço por terem me aceitado para ficar ao lado deles. Muitos chamam esse período como os anos mais sanguinários da revolução, e não é para menos: os jacobinos (não me inclua nesse grupo, por favor, somente saiba que eu estava no meio dessa bagunça para sobreviver) instituíram o Comitê de Salvação Pública, no qual eram vigiados e perseguidos todos aqueles considerados como contrários à revolução. Muitas vezes, sem provas, nobres e outras pessoas inocentes, como pobres (sem a mínima capacidade intelectual para entender o que estava acontecendo) eram mandados para a guilho-

tina. Clérigos não escaparam e pasme: nem os próprios jacobinos, como o Danton (imagine o medo que eu fiquei de ser igualmente morto, embora fosse “apoiador”). Robespierre foi corrompido pelo poder! Um pequeno adendo antes de continuar: veja que interessante como o maior revolucionário se tornou tão tirano quanto diziam que o rei Luís XVI era. Aliás, vou usar o rei como gancho para continuar a história: muito se discutia se ele e sua esposa deveriam ser mortos. Não fui a nenhum julgamento, não tive coragem de encarar meu amigo de infância cara a cara dessa forma. Lamento inclusive que foram interceptados quase chegando na Áustria. Poderiam ter escapado desse processo político maluco. Infelizmente, não posso mudar o passado e o que ocorreu é que ambos foram guilhotinados em praça pública. Depois deles, morreu o jacobino Marat, não por guilhotina, mas por um assassinato suspeito, tenho minhas ideias que a mulher que o matou era um fantoche de um déspota. Assim por diante. Inocentes e “culpados”, jacobinos e girondinos, nobres e plebeus, religiosos e iluministas. Acho que foi o momento de mais igualdade dessa revolução. Isso porque a morte é a mesma para todos: guilhotina. Alguns estimam algo em torno de 40 mil cadáveres. E logo mais estarei nessas estimativas...

Pelos rumores da prisão, aparentemente as charretes que nos levarão para sermos executados em praça pública estão chegando. Para finalizar, enfim, essa história, resumirei para o

caro leitor: depois de muita tirania, ninguém estava suportando o governo de Robespierre e os outros jacobinos radicais. Por isso, os girondinos armaram uma invasão armada no prédio onde se encontravam os jacobinos e eu. Prenderam-nos todos, e dessa vez nem tinha mudado de lado, isto é, no início da Assembleia, não era nem de esquerda, nem direita, mas, como lhes contei, quando o jogo estava mais favorável para os jacobinos, fiz minha aliança com eles e não desfiz para me salvar dessa vez. Logo, fui condenado como um jacobino à guilhotina.

É assim, pois, que termino minha narrativa de vida entrelaçada com a política francesa. Não tive filhos, perdi minhas terras, tive que me envolver com a plebe para sobreviver por um tempo e assim como outros nobres, cujos sangues correram nas praças de Paris, o meu vai escorrer em breve. Talvez eu já estivesse fadado a esse destino. Como último pedido nessa autobiografia, gostaria que a frase a seguir fosse lida em voz alta: Que Deus o guarde, Henri Colbert! Se realmente tiver feito isso, caro leitor, agradeço muito desde já. Talvez você me odeie, mas acabou de interceder por mim na vida eterna. Deus lhe pague!

Ass. Henri Colbert
Pedro de Andrade Franco Aluno do 3º ano do ensino médio
Colégio Monte-Sionense

ZUCA

Antes de entrar no Grupo Dom Otávio Chagas, chamávamos a nossa escola carinhosamente de Escolinha. A minha Escolinha funcionou no prédio onde é hoje o nosso Museu, na ala de entrada. Na área onde hoje ficam a oficina do Beque, a casa de Caboclo e o Monjolo, era o parquinho da escola.

Ali funcionava uma sala única, acho que dividida entre as turmas de 5 e 6 anos. A sala me parecia bem grande para as poucas crianças que ocupavam mesinhas baixinhas de quatro lugares, dividindo o material para pequenos trabalhos, desenhos e aprendendo as primeiras letras e números. No fundo da sala, em uma área que ao que me parece ficava com luzes apagadas, ficava um palco baixo (ainda existente na estrutura do Museu) onde aconteciam raras brincadeiras, pois ficavam umas coisas amontoadas.

Naquela segunda metade dos anos 1970, entrávamos na escola normalmente com 5 anos e fazíamos dois anos do chamado pré-primário, para depois passar então para o Grupo, que ia da primeira à quarta série.

Minha professora do pré foi a “Tia” Denise Corsi. Alguns dias atrás eu estava em Monte Sião e encontrei com ela no supermercado. De costas, ouvi sua voz suave me chamando. Virei sem ter dúvidas de quem iria encontrar. Fiquei muito feliz em

poder ganhar seu abraço e esse encontro me fez voltar para revisar este texto e finalizar para esta publicação.

Ali naquela sala fiz alguns dos meus amigos-irmãos de infância. Talvez já tivéssemos nos encontrado junto com nossas mães, mas dali daquele novo mundo surgem as primeiras lembranças dessas amizades. Na grande pequena Monte Sião daqueles dias, a relação de parentesco existia quase que entre todos, alguns de nós éramos primos de primeiro ou segundo grau, ou com algum outro laço entre famílias. Num grupo mais próximo estavam comigo o Alexandre “Pande” Pennacchi, o Cristiano Corsi (filho da tia Denise), o Giuliano Guarini, o Fabiano Bortolotti, a Daniela Zucato (minha prima), a Mariane Mariano, a Cláudia Faraco e a Clarissa Cruz. Tantos outros amigos entram e saem de lembranças, que vou tentar dar algum sentido para contar algumas histórias.

Quando estavam iniciando as obras do que foi o Centro Educacional e hoje é a Prefeitura, nas escavações encontraram alguns caixões de defuntos, o que era facilmente explicado, pois ali atrás da igreja era o antigo cemitério nos primeiros anos de Monte Sião. Eu, o Giuliano, o Fabiano e alguns outros meninos, corremos para a janela que dava para essas obras e ficamos curiosos em ver os esqueletos. As meninas correram para o outro

lado da sala, para fugir das assombrações. Minha memória cria ainda algumas ilusões disso, como se tivéssemos pulado a janela e tacado pedras nos caixões, mas isso com certeza não aconteceu. Lembro também de estar no bar do tio Toninho contando isso para meu primo Fábio, que não morava em Monte Sião nesses anos e da curiosidade dele para ir até lá procurar mais defuntos.

No recreio a dona Olinda, merendeira do Grupo, vinha trazer o lanche para quem não trazia de casa. Acho que também deve ser fake news da minha mente, mas a dona Olinda trazia também uma cesta de palha coberta com uma toalha, com doces diversos e umas bolinhas de bacon que eu já gostava muito (e nem sabia que seriam melhores ainda com cerveja gelada).

Na formatura da turma, havia mais velha que a minha, nós de 5 anos, também participaríamos da festinha que aconteceria no Clube AAM. Eu estava com a garganta inflamada, tomei uma benzetacil que travou a minha perna não conseguindo andar e acabei não indo. Vale dizer que tomei algumas dessas “abençoadas” injeções na vida, sempre com o “tio” Rubens Zucato aplicando com sucesso, mas aquela em especial foi o Nei Zucato que aplicou e deu zebra. Perdi a festa. Nunca mais quis tomar injeção com o Nei.

No parquinho, com os tradicionais brinquedos de

ferro, havia uma disputa grande pelo balanço, onde subiam muitas crianças de uma vez e juntos faziam muita força para ir cada vez mais alto. Um dia, a corrente do balanço arrebentou e foi um strike de crianças pelo chão de terra batida.

Já existia o hoje famoso “sexto”. Não me lembro se toda sexta-feira, mas lembro que as crianças desciam duas a duas de mãos dadas até perto do coreto na praça e ali aconteciam mais brincadeiras gostosas. Outros tempos, a professora sozinha levava a turma de crianças pela rua. Claro que as ruas eram menos movimentadas com os poucos carros que existiam, claro que o caminho era curto e praticamente só se atravessava a rua em frente da igreja, mas a diferença é a educação e respeito que as crianças tinham pelos professores e obedeciam de verdade para isso acontecer em segurança.

Em uma dessas sextas na praça, lembro que duas amiguinhas estavam vestidas de Mulher Maravilha (talvez uma delas fosse a Márcia Eliana) e eu, muito chato, junto com outros meninos, ficava chamando as duas de Mulher Pé de Ervilha, para elas ficarem irritadas e correrem atrás de nós. Era um pega-pega diferente. Isso na verdade era só uma brincadeira, mas hoje com certeza é bullying. Se era a Márcia, ela tirou o cinto de Mulher Maravilha e tentava acertar a gente. Pois acertou. A

fivela do cinto dela pegou na minha mão, fazendo um corte no meu dedo e deixando uma cicatriz que me faz sempre lembrar desta história quando olho até hoje.

Em algum momento do pré, a tia Denise ficou grávida e depois entrou de licença para nascer a Patrícia. Ela foi substituída pela tia Maria José Orrú, que logo nos acostumamos e depois foi nossa professora de primeiro ano no Grupo também.

Um dia, brincando no parquinho, se não me engano a Cláudia Faraco tentou subir no escorregador correndo pela rampa ou talvez na hora de sentar lá no alto para escorregar, acabou caindo e desmaiando. Graças à Deus hoje é uma lembrança até engraçada. A tia Maria José pegou a Cláudia no colo e como não tinha como deixar as outras crianças ali sozinhas, desceu apressada pela rua com todos de mãos dadas atrás dela até a farmácia do Nei (não existia hospital e a farmácia era o Pronto Socorro da cidade). A Cláudia deve ter acordado antes de chegar lá. No caminho, algumas crianças choravam, outras riam e outras só curtiam o passeio diferente.

Começaram a aparecer goteiras e rachaduras na nossa Escolinha, talvez devido às obras ali ao lado. Mudamos por um curto tempo em uma sala improvisada, próxima do Grupo, na entrada para a Quadra Esportiva do Grupo, quase no porão da então Prefeitura. Uma vez,

a Mônica foi me buscar lá antes do final da aula, não sei ao certo o motivo. Mal saímos de lá, antes mesmo de chegar perto do Depósito do Shirley, caiu de uma vez uma tempestade daquelas. Ela tinha levado um guarda-chuvas, mas de nada adiantou. O vento forte virou o guarda-chuvas do avesso e chegamos em casa enxarcados. Depois de tomar um banho quentinho, lembro que assisti pela primeira vez o Mágico de Oz na Sessão da Tarde.

Nossa formatura aconteceu no Clube no final de 78 e desta vez eu fui. A tia Denise já estava de volta para entregar nossos primeiros diplomas da vida. No ano seguinte fomos para o Grupo e quatro anos depois para o Ginásio. A maioria dessa turma seguiu junta até a oitava série, alguns saíram, outros foram incorporados pelo caminho.

Algumas dessas histórias já foram contadas para nossos filhos quando eles estavam nas suas Escolinhas e agora alguns de nós já estão contando até para seus netos.

Talvez alguns dos meus amiguinhos do pré tenham lembranças mais interessantes para contar da nossa Escolinha. Espero que essas minhas possam provocar as suas lembranças. Quem sabe alguém se anima de contar outras boas histórias por aqui.

IDEOLOGIA DE GÊNERO

JOSÉ ANTONIO ZECHIN

Naqueles primórdios da navegação marítima mundial, consta que Portugal teria colonizado 53 países. Hoje, apenas dez falam o português, ainda assim com suas peculiaridades de escrita e oralidade, incluindo o sotaque: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné-Equatorial, Macau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste. Aproximadamente, 280 milhões de falantes. Nunca foi possível unir todos estes países numa única linguagem. Muitas diferenças são inconciliáveis. Por isso, reformas ortográficas levam décadas

para produzir um mínimo de ajuste entre elas. Pode parecer brincadeira, mas existem até “traduções” de português para português. Além das diferenças culturais e sociais, as consequências econômicas. Por mais simples que seja, uma reforma estrutural da língua significa gastar bilhões de recursos, inutilizando dicionários, livros e registros orais e escritos de toda natureza. Imagine as mudanças em documentos oficiais, de certidões de nascimento a processos judiciais. Complicadíssimo!

No Brasil, especificamente, a língua portuguesa já passou por reformas ortográficas em 1943 e 1971. Em 1990, Brasil e Portugal assinaram a prática de

novas regras ortográficas, não seguidas pelos demais países lusófonos. Só foi reconhecido oficialmente em 2016, depois de infundáveis reuniões. E mudou muito pouco.

Agora, ideólogos de plantão querem implantar o tal de “gênero neutro”, pelo “preconceito” existente na linguagem. Na prática, o que significa isso? Na língua portuguesa existem os gêneros masculino (artigo “o”) e feminino (artigo “a”). Por isso se diz: “o menino” e “a menina”. No caso, a pretensão ideológica é que o “o” e o “a” se transformem em “e”. Assim você não distingue nem discrimina ninguém. Então, para eles, o certo seria dizer “menine”. Os

país não teriam mais filhos e filhas, mas simplesmente “menines”. Também não se diria mais “todos” ou “todas”. Estes são apenas ralos exemplos para simplificar a ideia do que pretendem, pois o tema exigiria alguns livros para esclarecer melhor o que é esta bobagem. Mas vou concluir assim: não é a embalagem que torna um produto melhor. Ou seja, não é com isso que se acabará com preconceitos. O que precisamos é de mais educação, cultura e ética. Só isso! Espero que “todes” tenham entendido!

Resumo da viagem até o Chuí, extremo sul do Brasil – 3ª Parte.

VIAGEM AO CHUÍ, NOSSO EXTREMO SUL, ONDE COMEÇA O BRASIL

J. CLAUDIO FARACO

Depois da visita ao belíssimo Cânion do Itaimbezinho, retornamos à estrada principal para o novo destino: São Francisco de Paula ainda no Rio Grande do Sul. Na verdade, S.F. de Paula encontrava-se logo à frente – 70 km de asfalto quase em linha reta, mas a opção pré-estabelecida foi proposital com o intuito de realizarmos um roteiro mais longo. Para tanto, seguimos no sentido de Praia Grande, em Santa Catarina a 40 km por terra e, dali para a litorânea BR-101, cujo acesso se faz pela rodovia SC-290. Na BR-101, seguimos rumo sul até à cidade de Terra de Areia, de volta ao estado gaúcho.

Mas, antes de seguir em frente, retomemos um pouquinho ao trecho entre Cambará e Praia Grande, quando num determinado momento deparamos entre as araucárias com uma atrativa construção com os dizeres: “Cafê Boca da Serra”. Nem havia necessidade de outro convite. Interior muito aconchegante e protegido do algoz vento Minuano, banheiros limpos e o indispensável atendimento cortês de uma senhora. Cardápios em mãos, optamos sem divergências para a peculiar e, por nós desconhecida, batata frita “entrevada”(???).

Curioso, pensei, porém não comentei: “seria batata frita em cadeira de rodas?” Entretanto, nossos olhares interrogativos incitaram uma clara resposta da proprietária: eram batatas fritas com bacon, calabresa e queijo serrano. Unanimidade estabelecida, fica-

mos também com os bons vinhos tintos ARBO e Casa Perini. Assim, desfrutamos daqueles instantes preciosos com muita calma e boa conversa.

Agora voltemos ao trecho anterior, onde atingimos a cidade de Terra de Areia, no Rio Grande do Sul, margem direita da BR-101. Este roteiro, embora pareça “algo maluco e descabido”, se alguém acompanhá-lo com um mapa rodoviário em mãos, foi proposital, conforme já afirmei acima. Elaborado por José Ayrtton, a boa ideia era exatamente a de conhecermos um belo trecho de serra da “Rota do Sol”, uma vez que esta se inicia em Terra de Areia com longos aclives, lindas paisagens, passando por Itati, Aratinga e, finalmente, Taíhas. Melhor ainda quando, um pouco antes do final da Rota do Sol, encaramos outra parada obrigatória: um chamativo restaurante com um enorme mirante na parte de trás, todo construído em madeira, proporcionando uma vista em grande angular para as montanhas e profundos vales revestidos pelas araucárias e que se estendem quilômetros além, até serem engolidas pela linha do horizonte no ponto exato sugerido pelo efeito visual do encontro entre o céu e a Terra. Por ali passamos agradáveis momentos saboreando bons vinhos e pastéis fritos na hora. Em seguida, quem não saboreou vinhos, assumiu o volante.

Ao chegarmos à Taíhas, seguimos à esquerda e, 17 km depois entramos em uma cidade, estacionamos num local com um grande lago à frente, e uma agra-

dável pracinha exibindo os dizeres em letras enormes: EU AMO SÃO FRANCISCO DE PAULA. Pernoite no Grande Hotel Cavalinho Branco, no extremo oposto do lago, com suas águas ainda encrespadas pelo furor do gelado minuano.

Dia seguinte, seguimos o roteiro São Francisco de Paula>Taquara, 50 km via asfalto. Depois vieram ainda em asfalto, Rolante, bonita cidade com interessantes atrações turísticas naturais, mas com o tempo curto para visitá-las, seguimos para Riozinho – 40 km, e Barra do Ouro. Neste momento, volta a fome quando os quatro estômagos, em uníssono, solicitaram uma trégua e, por razão incontestável, encostamos ao lado do Bar e Lancheria Bassani – Rua do Comércio, 678 – Barra do Ouro/RS, que também era um restaurante, o qual fomos averiguar. A simplicidade agradou aos olhos: a limpeza, várias mesas dispostas, dois bolívianos em conversa amigável, e o senhorio muito prestativo que nos apresentou um vinho caseiro produzido pelo irmão e, em seguida, se propôs a nos servir um almoço. Ambos foram muito agradáveis.

Sequencialmente, ainda Barra do Ouro, 40 km de terra, um aclive e, novamente em estrada de terra, no alto à direita, o mirante, a 15 km cujo acesso bastante estreito, após 200 metros encontrava-se fechado, demonstrando ser um terreno particular. Por razão óbvia, decidimos pelo retorno que foi realizado em marcha à ré. De volta à rodovia principal, seguimos para Barra do Ouro e daí a

Maquiné, onde acessamos novamente a BR-101 passando por Osório, na qual mudamos para uma rodovia estadual asfaltada em direção sempre sul à cidade de Mostardas, 200 km, através de um istmo (estreita faixa de terra que liga duas áreas de terra maiores), tendo à nossa direita a Lagoa dos Patos e à esquerda o Oceano Atlântico. Também passamos por Capivari do Sul, Palmares do Sul e vários pequenos povoados situados às margens da rodovia, como Bacopari, Harmonia, Solidão, Povos, São Simão e, finalmente, a cidade de Mostardas, onde decidimos pelo Hotel Estrela do Mar, um ambiente muito familiar e agradável. Ficáramos naquela cidade por alguns dias e foi então que fiz uma bela amizade com Carine, a filha mais nova do casal proprietário do Hotel. Ela tinha apenas seis anos, mas era muito inteligente, alegre, estudiosa e esperta.

Também foi nesta cidade que Carlinhos se dirigiu à casa de seu amigo Eloir, também fotógrafo e especialista conhecedor de aves e, eventualmente de pássaros raros, os quais ele os reproduzia não somente em fotos, mas também em perfeitas esculturas em madeira, todas em tamanhos naturais e de uma beleza e realismo admiráveis. Seu atelier é uma atração imperdível.

Na próxima edição, a quarta e, talvez, última parte desta nossa viagem...

O canto da Poesia



“Amigo como você”

É como ir e encontrar

É voltar e encontrar

Não se perde a viagem

Eraldo Monteiro

Labirinto

meu destino não tem caminho é um obscuro atalho

onde sempre me encontro e me desacho

J. Carlos Grossi

A GEADA

Era precisamente o dia 1º de junho de 1979, Por sinal uma sexta-feira daquele mês do ano. Dificilmente outro fato que se comprove: A grande geada e a baixa temperatura, salve desengano.

A nossa cidade estava passando por uma estiagem, Falta de chuvas, temperaturas desreguladas. Mesmo que para aqueles que programaram uma viagem Foram adiando para outra data agendada.

E o J. Cláudio Faraco, bom articulista, Narra sobre o dia mais frio na história de Monte Sião, Com aquela geada, que em tempos antes, nunca foi vista, E que além dos termômetros baixarem, queimou a plantação.

Imaginem os caros leitores 4 graus negativos, Quando a nossa santa terrinha sofreu as agruras, De uma friagem e sem que para nós, qualquer atrativo, A não ser ir consultando se elevasse a temperatura.

E não foram somente as queimas dos cafezais, Outras lavouras sofreram as consequências, Assim como também pobre e indefesos animais, Num sofrer constante a se condoer das mal querências.

Contou também de seu caderno de anotação De temperaturas que ocorriam em nossa cidade. Foi uma pena “o anotário” ter sumido em certa ocasião Motivado pelas constantes mudanças de localidade.

Por certo hoje ele teria muitos fatos a narrar Atrêlados com as baixas e altas temperaturas, Quando diariamente conseguia anotar Em seu “diário”, mesmo sem a sua assinatura.

E nos dias de hoje quando estamos pagando Por desmatamentos, poluições funestas Que ao mesmo tempo nem estamos notando, Mas que se transformarão em pontiagudas arestas.

Arlindo Bellini

(Motivado ao ler a crônica de J. Cláudio Faraco, publicada no “Jornal Monte Sião”, edição 587, maio de 2021)

O homem que morreu três vezes

MARCELO FERRARI

Baianão é um homem muito conhecido nos arredores de sua cidade. Tem muito boa saúde, apesar de estar com longa circunferência na cintura. Chamado de Baianão unicamente por ser moreno. Vive sempre prestando serviços a quem precisa. Não tem a característica de oferecer ajuda, mas se a pedir atenderá no ato. É aposentado e mora na zona rural. Todavia, encontra-se sempre trabalhando em algum serviço, afinal ele é pedreiro, carpinteiro, encanador, eletricista, pintor, faz jacá, poço, é dono de mil pés de café, dirige trator e carro de boi. Não sabe pescar!

Baianão tem um invendável fuscão azulão, ano 85, motor 1600, lanterna traseira modelo fafá, mas que está com o escapamento furado, que, segundo ele, não incomoda o barulho anormal. Comprou zero e está casado com ele até hoje. Faz 16 por litro, mas tem que colocar em banguela na descida, ele afirma. E aí de quem duvidar! Gosta de arrumar um pretexto para vir à cidade só para dar um volta. Após se inteirar das notícias retorna ao seu sítiozinho

feliz da vida.

Num belo dia de terça feira, não se sabe ao certo quem contou primeiro, uma notícia foi se espalhando pelas redondezas: Baianão havia morrido. Por todos os bairros próximos ao de Baianão, não se falava em outro assunto a não ser a perda do estimado camarada. Por isso é que não escuto mais o barulho do fuscão, dizia um dos que estavam sentados na sombra de uma figueira! Outro afirmava que a vida é assim mesmo, coitado! Falaram que ele andava ruim de saúde, acrescentava outro! No posto de combustíveis, onde sempre era abastecido, com 20 contos a pedido, os frentistas já anteviam a falta do azulão após o trágico aviso.

Dois dias se passaram e ouviu se o exclusivo ronco do motor do possante azulão subindo os morros do bairro de Nossa Senhora das Palmeiras. Baianão estava prestando um serviço a uma família, vizinha da sua residência, que precisava ir ao mercado da Capela fazer a compra do mês.

Quem havia morrido era uma senhora de 95 anos, conhecida por Baiana.

Tempos depois, no centro da

cidade, um transeunte com camisa do Vasco e boné do Cruzeiro caminhava pelo meio de uma rua gritando: “Mataram o Baianão”! “Mataram o Baianão”! Pronto! A notícia voou tão rápida tal qual um gavião caça um pintinho sem que a galinha perceba. Desfilou de boca em boca e em ouvido em ouvido sem freio e sem placa de sinalização. Um amigo de longa data de Baianão, muito religioso, não pensou duas vezes após ouvir os gritos. Impactado pela notícia, foi até a igreja e pediu um padre para que colocasse o nome do falecido amigo na missa das três da tarde. Coincidência ou não, naquele dia teria uma missa na igreja-jinha de Todos os Santos. Se, de fato, foi posto o nome do Baianão na missa eu não posso afirmar. Mas, nas costumeiras rodinhas pós-missa que se formavam, o assunto era a inesperada morte de Baianão. Bem, rezar para ou outros nunca é demais.

Quem havia morrido era o cachorro do vascaíno. Ou do cruzeirense? Ou sei lá para quem torce o felizardo.

Sabe se que nas sociedades das florestas a informação é incontestável. Uma árvore, por

exemplo, faz uma miscelânea com seus galhos junto com os galhos de outra. Contudo, cada pedacinho de madeira é unido a sua fonte. Basta acompanhá-lo para se chegar ao tronco. E mesmo dentro de um emaranhado de folhas é indiscutível a procedência de cada um. Não há margem para ambiguidades ou incertezas.

Já na corporação humana a informação nem sempre é cristalina.

Recentemente mudou-se no bairro rural de Santa Cruz dos Coqueiros, vindo da capital paulista, mas nascido no estado da Bahia, um senhor que carregava consigo mais de oitenta primaveras. Era moreno e com um pouco de ondulações na cintura. Homem experiente. Trabalhou em vários órgãos públicos. Logo ficou conhecido por todos do bairro por ir às sextas feiras à cidade. Continuamente dava carona a quem pedisse. Em sua casa adorava contar histórias, após a segunda dose de cachaça, das lendas dos marginais da cidade de São Paulo na segunda metade do século passado, tais como: Luz Vermelha, Meneghetti, Sete Dedos. Possuía um fusca azul –

não azulão. Acaso do destino - se é que existe acaso, afinal o mundo tem formato de círculo, logo não tem canto - o novo morador tornou-se amigo de Baianão. E assim a vida prosseguiu.

Estações depois o inevitável aconteceu. Num bar, uma notícia brotou com a recém-chegada de um viajante. Um senhor que tinha um fusca azul e que toda semana estava na cidade acabara de falecer, disse. O Baianão? Pronunciou um cliente encostado na parede um pouco distante do balcão onde encostara, com um conhaque, o desconhecido encarregado da mensagem. Todas as características batiam, falavam ao redor de uma mesa, acompanhados por garrafas de cervejas, outros fregueses da venda. Com quem ficará o azulão agora, perguntava um dos alegrinhos. O Baianão tinha um luxo com aquele carro, né! Afirmava outro. Boa gente aquele homem. Era prestativo. Pagava as contas em dia, acrescentava o dono do boteco. Na medida em que chegaram mais pessoas para “tomar uma” e outras que já haviam bebido saíam, a notícia de que o cidadão que morrera era mesmo o Baianão ganhava mais

partidários.

Veja se que a notícia, além de ser veloz, é também expansiva. Isso desde quando o homem passou a se comunicar. Certamente, algum dos leitores já deve ter tido alguma experiência não agradável com inverdades, penso. Ainda mais, agora, em tempos de internet, imagina só! No livro de Yuval Noah Harari – 21 Lições para o século 21 – há um capítulo sobre Pós-verdade. Ele trata do assunto fake news. Vale o investimento!

Três dias após a conversa no bar vê-se poeira levantando na estrada. É nadamais nada menos senão o Baianão dirigindo seu turbinado azulão. Estava a caminho da cidade para receber a aposentadoria.

Quem havia morrido era o Seu Azarias o paulista baiano. Pois bem, respeitado leitor, Baianão está vivinho da silva e não tem plano, pelo menos por enquanto, para morrer.

Nota. A história escrita foi baseada, com adaptações, em fatos reais.

Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Trico

Agosto de 2021

Nº 590

ANIVERSARIANTES DO MÊS

SETEMBRO DE 2021

Dia 01

Luiza Righeti Amaral
Maria Ap. Labegalini
Tatiana Virgílio Comune
Célia Pereira S. Freire
Edmárcio de S. Bueno

Dia 02

Celso Damasceno de Souza
Lourdes H. Moreira,
Pouso Alegre/MG
Manoel C. da Costa
Vera Lúcia G. de Moraes
Rodrigo Giglio Zucato
Bruno Daniel A. Faria

Dia 03

João Carlos Genghini
Maira de Souza
Rony Martins Vedovoto
Mônica Labegalini
Cauã Guireli
Elisete Comune
Acácio Cétolo

Dia 04

Mariane Mariano Silva
Clara M. Nicioli Cirioni,
Jundiá/SP

Dia 05

Iraci Aparecida Freitas
Tiago Comune Barros

Dia 06

Aparecida Glória Bernardi,
Valinhos/SP
Túlio e Heleno Guirelli
Elaine Cristina M. da Costa
Eliza Akini Shimoda

Dia 07

Angelina B. C. Simões
Guilherme Gotardelo
Fernanda B. Andrade
Simone de Souza

Dia 08

José Ap. Dorta Machado
Camila Comune Daldosso
Michel Caroli

Dia 09

Maria Ap. Luz Labigalini,
Londrina/PR

Dia 10

Irineu Labigalini,
Londrina/PR
Ana Lúcia Santos

Dia 11

Maria Imaculada de Oliveira
Romildo Labigalini

Dia 12

Pedro H. C. Marcelino
Bruna Dias e Silva
Alome Acorsi Comune

Dia 13

Luigi Gottardello Fonseca
Nathália de Godoi

Dia 14

Ana Carolina G. Silva
Michel Coutinho de Souza
Fátima Ap. da Costa
Gabriela Pennacchi
Fabrícia Araújo
André Luiz Messias

Dia 15

Amanda C. P. Pennacchi
Isabel Regina B. C. Ribeiro
Alexandre Kuroda,
São Paulo/SP
José Sabino Bueno

Dia 16

João Tadeu D. Machado
Mariana C. Pereira Varoni
Alyne Labegalini De Nez,
Marumbi/PR

Dia 17

Eduardo C. de Godoy
José Carlos F. Vilas Boas
Norma Santos Trindade,
Santos/SP
Aline Monteiro V. Brunialti

Dia 18
Patrícia Zucato Dizeró
Érica Araújo
Vitor Henrique U. Biscuola
Felipe Gomes da Silva

Dia 19
Gilberto Costa Bruneli
Edina N. G. Labegalini,
Apucarana/PR
Benedita S. H. Machado

Dia 20
Heloisa Helena Genghini
André A. dos Santos

Dia 21
Eliana Bourgeth D. Machado
Giselda Monteiro Guinesi
Fábio Glória
Rita S. B. Castro
Gonçalves
Maria da Conceição
José Luiz Andreta
Priscila Ribeiro Zucato

Dia 22
Camila Rosiene Barbosa
Vânia Maria Pioli
Labegalini
Irene Labegalini Zucato
Rogério Artuso
Mariana Artuso
Adilson José Queirós
Willian Comune Barbosa
Hélio Aparecido Gomes
Benedita Stela J. Canela
Antonia Ap. Martins
Ribeiro

Dia 23
Ana Lúcia dos Santos
Luiz Righeti
Roberto Jacomassi
Augusto, RJ/RJ
Mª de Lourdes V. Labegalini,
Maringá/PR

Dia 24
Ronaldo A. Labigalini
Meire Regina Labigalini
Enevaïne da Silva Martins
Renata Comune Fiori
Marcela Cristina Renção,
São Paulo/SP
Pedro Henrique Monteiro

Dia 25
Fanny Gnecco Calhelha,
da diretoria da Fundação
Ernestina Ota Izumi
Alcina G. Otaviano
Miranda
Isabel Cristina Barbosa

Dia 26
Antonio Edmar Guireli,
colaborador deste jornal -
Valinhos/SP
Ana Eliza Fernandes

Dia 27
Leonildes Labegalini,
Maringá/PR

Dia 28
Mariane Magioli Bréscia
Camila Costa P. Bueno

Dia 29
Imã Andréa Comune
Eliane Comune
Roger Campos Freire
Cláudia Amaral Macedo

Dia 30
Bruna Antunes da Costa
Marcelo Ricardo
Labigalini.

A todos, as felicitações da Redação!

CASA DAS MASSAS

de Lourdes Labegalini

ACEITAMOS ENCOMENDAS

Pães e Massas Especiais
Panetones e Congelados

Rua J.K. de Oliveira, 1.170
Fone 3465-1368
Monte Sião - MG

ACM

ADRIANO - CHARLES - MAURICE

CONTABILIDADE

(35) 3465-1635
3465-4404

R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião | MG

Laboratório de Análises Clínicas

Bioanálise

Bioquímico: Ferdinando Righetto

● Teste do Pezinho ampliado

● Credenciamento com os Laboratórios:

GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)

HERMES PARDINI (Belo Horizonte)

Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

ÚLTIMO TREM

Escola Dona Ina – 30 Anos

No dia 21 de agosto a Escola Municipal Dona Ina completou 30 anos de sua fundação.

“A Pré-Escola Municipal “Dona Ina” tem esse nome em homenagem a professora que lecionou na Escola Infantil Nossa Senhora da Medalha. Era Pároco de Monte Sião o Padre Gustavo Moreira de Abreu que convidou a senhorita Angelina Odete Pennacchi, filha do senhor José Pennacchi, para ensinar os filhos dos paroquianos que ainda não freqüentavam o Grupo Escolar.

Assim a jovem iniciou a sua carreira. Algum tempo depois, a Prefeitura Municipal de Monte Sião, assumiu os encargos salariais e Dona Ina, como era chamada por todos, passou a ser professora municipal e seus alunos, ao deixarem a escola infantil, já dominavam o alfabeto, conheciam os números arábicos e romanos, sabiam as operações básicas da matemática, sabiam recitar, cantar e alguns sabiam até declamar.

Com a Lei número 5.692/71, a escola infantil passou a ser Pré-Escola e foi assumida pelo Estado, pertencendo a Escola Estadual Dom Otávio Chagas até a década de 90, quando com a Lei número 9394/96 houve o início da municipalização e a Prefeitura assumiu toda a rede de Ensino Infantil.

Em um ato de justiça, prestou-se uma homenagem àquela que escreveu a primeira página dessa história e quem em vida pode receber tal homenagem”.

“Dona Ina, da família dos imigrantes Giuseppe Pennacchi e Giovanna Rossi, professora primária, cheia de ternura e muita vontade, ensinava o bê-a-bá para a criançada travessa da roça e da cidade, sempre alegre e determinada também nas aulas de catecismo da Igreja Matriz.

Dona Ina chegou a dirigir o primeiro pré-escolar de Monte Sião, ministrando aulas com muito amor e paciência, fazendo de sua famosa escolinha o acontecimento mais alegre e concorrido de todos os fins de ano.”

ARIOVALDO GUIRELI

1 - Jesus sempre desafiou os falsos moralismos, por ter uma atitude sempre amorosa. Na sua época (mudou hoje?) a mulher era ser inferior ao homem; os samaritanos (excluídos) eram hereges; as prostitutas, apedrejadas em público... mas, à beira do poço de Jacó, Ele conversou longamente com uma mulher samaritana que já havia vivido com cinco maridos!

2 - Quando a eleição chegar, a repetição do discurso de fraude já terá corrompido a realidade e a narrativa da fraude se infiltrará e se realizará nas mentes antes de qualquer ato, deslocando-se dos fatos. A corrosão da linguagem culminará com a corrosão da própria verdade.

3 - Queria que você me explicasse o que é capitalismo!
- Pai, está aqui o homem que cobra as prestações.

Texto de Walkíria Canela de Souza, Supervisora Pedagógica da Escola Municipal Dona Ina

Internet no Museu

Os frequentadores do Museu de Monte Sião agora tem acesso gratuito à internet no período de sua visita, através do serviço oferecido pela Teleson, que gentilmente está colaborando com a Fundação Cultural Pascoal Andreta.

A Teleson Telecom é um provedor de internet que vem atuando no setor de telecomunicações desde 1993, entregando serviço de internet banda larga e link dedicado com fibra óptica para clientes residenciais, comerciais, industriais, com velocidade e qualidade.

Considerada uma das pioneiras no ramo de telecomunicações da região, tem a maior cobertura de internet fibra óptica no Circuito das Águas Paulista e continua a expandir a cobertura.

Adota como filosofia da empresa o RESPEITO ao cliente, sempre tendo em vista o maior nível de satisfação possível. Sua política de qualidade preza pela excelência máxima nos serviços prestados com o melhor custo-benefício.

Disponibiliza o serviço em toda a região do Circuito das Águas Paulista com atendimento e suporte técnico próprio nas cidades de Águas de Lindóia, Amparo, Lindóia, Jaguariúna, Monte Alegre do Sul, Pedreira, Pinhalzinho, Serra Negra e Monte Sião, no Sul de Minas.

A FCPA agradece a Teleson pela parceria e confiança!

EPTV na Escola

A Diretoria Municipal de Educação, divulgou a lista de classificados de Monte Sião mais um projeto EPTV na Escola.

Tivemos 80 alunos participando do projeto divididos em quatro escolas: E.M. Padre Reinaldo, Colégio Monte-Sionense, E.M. Lázaro Cândido de Souza e E.M. Comendador Batista de Oliveira e os classificados, em ordem

alfabética foram:

- Clara Zucato Biscuola Labegalini - Colégio Monte-Sionense
- Gabriela Grossi Germiniani - Colégio Monte-Sionense
- Isadora Alaion Cavini - E.M.Padre Reinaldo
- Pedro Thomé Santos Pereira - E.M.Padre Reinaldo
- Samuel Martins Alves Vaz - E.M.Padre Reinaldo

A FCPA parabeniza os alunos classificados e todos os participantes, e também a Diretoria Municipal de Educação por essa importante ação cultural.

X - X - X - X - X

UM DIA CHEGA...
José Antonio Zechin

Tudo é incerteza...
Mas — por maior que seja a dúvida —
Um dia a verdade chega.

Tudo é inesperado...
Mas — por mais que sejamos distraídos —
Um dia a consciência chega.

Tudo é temor...
Mas — por maior que seja o medo —
Um dia a coragem chega.

Tudo é escuro...
Mas — por mais longa que seja a noite —
O dia chega num novo amanhã.

Fragmentos

- Diga para ele entrar, pegar a cadeira e sentar que em instantes vou.
- Eu já disse para ele pegar a cadeira, mas ele quer a televisão.

4 - Conhecia as palavras que foram apresentadas até a idade presente de setenta e oito anos. Desconhecia as demais. Ficava sempre quieto quando não entendia o falar. Rara as vezes em que sofria do entender. Mas, calado permanecia atento.

Um dia quis aprender as outras palavras. Ficou gago e mudo de tantos significados. E entendeu porque não compactuava com a ignorância de quem estava no poder.

5 - O doido safado de Olin-da saiu gritando seus maracatus e enveredou pelas veredas do país. Banguela. Restos de pirão. Olhar nos espinhos de mandacaru... E seguiu a folia entre a visão

e autonomia de não olhar. O “Cine Brasil” anuncia um novo e espetacular filme: “Bacurau”. E Olinda ainda resiste: “tu vens, tu vens...”

6 - Duas crianças brincando no monte de areia. Cada uma com sua imaginação. Num instante o ônibus levava toda gente para passear. Outro instante um carro que apostava corridas. E assim, passava-se o tempo. Uma criança perguntou pra outra: - Por que a gente nasce criancinha? – Ora, para ficar grande. – Então por que não nascemos grande? – Porque senão a gente não podia brincar na areia. Gente grande não brinca!

7 - Leia: “A Estética da indiferença” de Sidney Rocha. Editora Iluminuras.

8 - Beijos gerais.

PORCELANA MONTE SIÃO

BIBELÔS EM GERAL – CANECAS PARA CHOPP
VASOS – CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.

A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil

AGRADECEMOS SUA VISITA

Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

VISITE NOSSO MUSEU

Nossos avós já compravam na

Loja do Plácido

A mais antiga da cidade - Desde 1922

TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO

Rua Presidente Tancredo Neves, 194

Fone: 3465-1144

ELETRÔNICA MONTE SIÃO

Everson Labegalini

Peças e Acessórios para
Áudio e Vídeo

Rua: Carlos Pennacchi º 60 - Loja 5 - Centro - Monte Sião / MG

Cel.: (035) 8404-5136